

**UM ENSAIO VISUAL, POR  
MARCELO MOSCHETA: OLHANDO PARA AS  
NUVENS, A COR DO INFINITO**

***A VISUAL ESSAY, BY MARCELO  
MOSCHETA: LOOKING AT THE CLOUDS, THE  
COLOR OF INFINITY***

*Introdução: André L. Tavares Pereira*

Como encerramento do percurso proposto por este dossiê, contamos com uma especial participação do artista visual Marcelo Moscheta que, gentilmente, cedeu-nos algumas das imagens de seu processo criativo, bem como dos desenhos que produziu, em 2009, para o Festival Cultura Inglesa, realizado na sede do British Council em São Paulo, capital. Esta série de obras foi inspirada por Alexander Cozens (1711-1786), e, tomando como “mote” uma das sessões do método inovador de composição de paisagens publicado por aquele artista – *A new method of assisting the invention in drawing original composition of landscapes* (1785) – recebeu de Moscheta o título de *A New Method For Assisting The Invention in the Composition Of Clouds*. Estes trabalhos sugerem uma reflexão sobre o mundo natural muito cara aos séculos XVIII e XIX britânicos, oferecendo-nos, entretanto, um novo enquadramento, mais crítico, sobre os fenômenos da interação entre a humanidade e seu ambiente. Introduzindo as imagens, contamos com a apresentação elaborada por Ricardo Resende, que transcrevemos abaixo, por sugestão do artista:

“Uma grande parte da obra de Moscheta se caracteriza por fundos negros, que acabam por ‘colorir’ sua produção artística. É um negro tão profundo que nos faz pensar na noção mais aterradora de infinito. Afinal, que cor é a do infinito, quando o retratamos ou o construímos nas nossas mentes? Proponho que seja o mesmo negro que observamos nos desenhos do artista. A cor, de tal intensidade, é nada mais do que a cor da chapa utilizada como suporte para seus desenhos feitos a grafite.

No contraste entre o negro e o prateado acinzentado do carvão é que se dá a visualização de suas imagens. O processo é muito simples. Primeiro, o artista cobre todo o fundo com grafite, para depois apagar o que seria o contorno da imagem. Em sua maneira de desenhar, serve-se da borracha, num processo inverso ao convencional. Depois desse minucioso trabalho de apagamento, é com a ajuda do reflexo da luz lateral que se dá a maior nitidez das imagens criadas. É com essa técnica que Moscheta extrai a dramaticidade vista em suas obras e que aqui tem como referência a história da arte. São obras fundamentais as dos artistas ingleses Alexander Cozens (1717-1786), e William Turner (1775-1851).

Cozens olhou para as nuvens e as viu como formas artísticas dramáticas desenhadas no céu. Imagens de aparente serenidade, que prenunciavam a chegada de mudanças climáticas. Especialistas que desenvolviam essa percepção sensorial tinham um fim social na época, ajudando na agricultura e no funcionamento dos moinhos de vento. Tal exercício meteorológico não era visto como artístico, mas era essencial para a segurança das construções e das plantações agrícolas. No encontro que tive em 2007 com Moscheta, em seu ateliê, conversamos sobre Cozens e sobre a profissão de observar nuvens para classificá-las. Vem daí o trabalho *Estudo para espaço*, uma instalação feita de caixas de plástico usadas como embalagem para chocolates e algodão, apresentada, primeiramente, na exposição Rumos Visuais de 2009 e, depois, na Capela do Morumbi, em 2010, ambos em São Paulo. Em outra série de desenhos, *A New Method For Assisting The Invention In The Composition Of Clouds*, feita em 2009 para exposição do 13º Festival Cultura Inglesa, na sede do *British Council*, em São Paulo, as chapas de PVC expandidas trazem ainda uma placa de alumínio com frases gravadas, extraídas de instruções do artista inglês ao observar as nuvens.

Já em *Contra.Céu*, exposição que teve lugar em 2010 na Capela do Morumbi, um grande painel de grafite trazia, na metade inferior, um espelho diagonal, a refletir a parte superior. O projeto pauta-se na ideia de representação/construção de um ideal de pedaço de céu, tendo sua imagem espelhada logo abaixo do desenho original. O ângulo de 45º em relação ao observador, a uma certa distância, não reflete a imagem de quem a observa, mas sim, o desenho logo acima, criando um jogo de ilusão de perspectiva que remete aos afrescos e pinturas dos tetos e paredes das igrejas barrocas. A união da imagem

desenhada e seu reflexo acabam por criar um duplo sentido, uma espécie de mancha de teste Rorschach. A estrutura colocada no altar da capela ‘recebia’ o visitante, trazendo para aquele espaço uma dupla representação do céu -- no mesmo lugar o religioso e onírico -- procedimento adotado no barroco para despertar a fé religiosa dos fiéis a um simples olhar seu para a nave central de uma de suas igrejas.

*Contra.Céu* é, também, uma clara referência ao contrapiso, a parte preparada do solo nas construções antes de receber o acabamento final, em oposição ao céu – o teto. Ao nos vermos projetados no espelhamento do material, em meio às nuvens desenhadas pelo artista em uma das placas que compõem a instalação apoiada no chão, invertem-se as coisas do mundo entre a Terra e o Paraíso (céu), o bem e o mal. O espaço sagrado de uma capela é fundamental na construção dessa ideia, pois estabelece o diálogo entre o mundo e sua transcendência: da vida terrena para a vida espiritual. Para Moscheta, ‘as nuvens são primeiramente uma ideia de transitoriedade muito forte. De fragilidade e de efemeridade’.

Seus primeiros desenhos com grafite sobre placa de PVC negra foram de nuvens, que travavam uma relação de permanência versus fugacidade. Opostos que ficam patentes no processo de criação, pois o grafite nunca é fixado sobre o PVC e se torna muito frágil -- ao menor toque de dedos, o desenho pode ser apagado, danificado, borrado. Cria, portanto, uma situação instável de significados – no sentido efêmero das nuvens e na permanência frágil do desenho em grafite sobre a placa de PVC. O romantismo, a teoria do sublime ou mesmo a visão mais empírica do estudo do comportamento das nuvens, passando pelos termos meteorológicos, acabam sendo, para o artista, aspectos poéticos e instigantes, mais do que a mera, possível constatação ao olhar o céu, de que possa, por exemplo ‘chover daqui a pouco’, em suas próprias palavras.

Marcelo Moscheta parece traduzir para a atualidade o mesmo mundo romântico que sofre com as transformações provocadas pelo homem, a força da natureza em contraste com a fragilidade e a fugacidade humanas. Trata-se de um mundo que se apresenta nos seus contrários e contradições.

Era princípio fundamental do simbolismo romântico que o sentido não se pudesse nunca separar inteiramente de sua representação simbólica. A arte olha para tudo, nada é pequeno demais para ela: é o desejo de tentar ‘desembaraçar o sentido latente dos elementos naturais, a significação oculta destes na própria

natureza’. E a presença destas intervenções humanas no ambiente natural. O navio que se vê no desenho Friedrich surge como um navio fantasma ancorado ou mesmo abandonado no que seria uma ‘porta do inferno’ (o breu intenso que emana do negro da chapa de PVC a prevalecer no fundo).

De forma ambígua, a ‘tranquilidade’ das nuvens retratadas por Cozens, citadas anteriormente, poderia parecer oposta a alguns dos trabalhos de Moscheta. Pode-se antever, naqueles céus aparentemente serenos, um mundo em convulsão e em constante transformação.”

Ricardo Resende, *A cor do Infinito*, excerto de *A classificação das coisas* in Marcelo Moscheta. São Paulo: Editora BEI. 2011.

Na sequência abaixo, acompanhamos o trabalho de Marcelo Moscheta, da seleção dos exemplos de Cozens com quem estabelece um diálogo mais próximo à montagem da exposição e seguimos o processo de transformação operado pela ação artística.



1



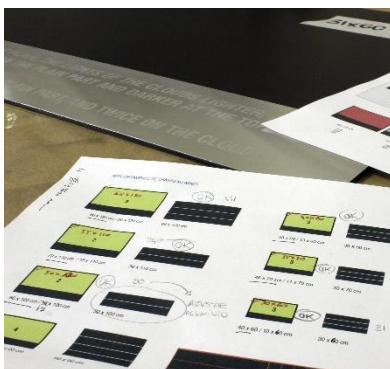
2



3



4



5



6



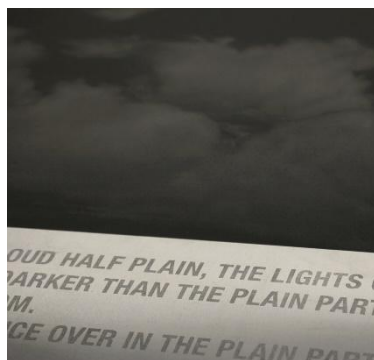
7



8



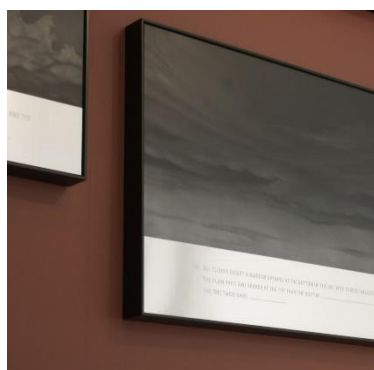
9



10



11



12



13



14